

RESENHA DO DOCUMENTÁRIO “OBSOLECÊNCIA PROGRAMADA”

Disciplina: Ética e Legislação

Aluno: Mateus Emanuel Andrade de Sousa **Matrícula:** 427583

A Revolução Industrial foi um período de transformação, novos padrões de vida surgiram, pessoas passaram a recorrer a eletrodomésticos, veículos de comunicação e entretenimento entre outros benefícios do mercado tecnológico. O que poucos sabem é que por trás de todo esse consumo existiam cláusulas de fabricação que impediam que todo produto durasse para sempre, um ciclo de renovação comercial, tudo é projetado para que em determinado momento apresente falhas e seja necessário adquirir um novo, esse é o fluxo da economia capitalista, também conhecida como obsolescência programada.

O documentário apresenta duas tentativas de controle da mercadoria, a primeira delas é de empurrar os produtos defeituosos para condições descartáveis e influenciar o consumidor a comprar um novo, sem chances de uma tentativa de conserto. Nesse caso a estratégia do mercado é limitar a capacidade dos produtos a curtos períodos para intuitivamente fazer com que os consumidores sempre renovem o consumo com coisas novas. Essa linha de raciocínio vem dos primeiros anos da Revolução Industrial quando se acreditava que a Terra era um lugar de abundância e infinidade de recursos naturais para produção. Felizmente essa estratégia não foi aceita por não atender a necessidade das pessoas, acumular bugigangas caras se tornava um ato de colecionar e não de usufruir e sentir-se bem com o recurso adquirido.

Com o passar dos tempos o mercado começou a inovar com a publicidade e a propaganda, dando uma nova cara aos produtos da época. Logo surgiu a estratégia do reaproveitamento de utensílios, a sedução como sinônimo de necessidade, comprar é viver bem, essa é a fórmula do sucesso. Se todo esse contexto da obsolescência programada não existisse, áreas como design e marketing não teriam sua relevância na evolução econômica. Como todo processo evolutivo humano tem seu lado oposto, o consumismo tem papel direto no acúmulo tóxico de lixo eletrônico, ou também citado no documentário como detritos de segunda mão. Toda essa sucata despejada pelo homem tem impactos graves no solo fértil das áreas de acumulação, enquanto alguns resíduos se misturam com a terra, outros levam quase um milênio para se decompor o que na aglomeração ao ar livre proliferam gases poluentes, contaminam rios e afetam famílias próximas, muitas delas com grande vulnerabilidade econômica, pressionadas por essas circunstâncias a enfrentar os limites, reaproveitando o máximo que conseguirem em um ato de sobrevivência.

Na atualidade, mais precisamente no ano de 2020, o mundo inteiro enfrenta uma pandemia causada por um vírus chamado COVID-19, um vetor de infecções respiratórias graves e também um marco na história da humanidade sobre um período que freou não apenas o contexto sociocultural como o modo no qual a economia se relacionou com o consumidor. A situação infecciosa literalmente varreu grande parte da humanidade em questão de semanas, muitas mortes trágicas e dolorosas perdas provenientes da ausência obrigatória do contato físico, principal forma de contágio. Toda condição de isolamento trouxe também altos índices de desemprego, aumento no número de desabrigados e um crescimento considerável no consumo de eletrônicos, justamente pela transformação ocorrida na migração de toda e qualquer atividade fora de casa para dentro do meio virtual, metaforicamente o momento de maior proximidade comunicacional. De todos os fatos o que mais chama atenção é o alto investimento na produção de vacinas, cada país com seus próprios recursos em busca de uma cura. Se por um lado o propósito é atender uma urgência mundial, por outro há um grande interesse político de desvalorização dessas ações, já que afeta diretamente a economia em seu contexto geral.

A situação presente na pandemia tem uma certa ligação com a teoria do decrescimento econômico abordada no documentário, uma indagação feita pelos economistas do passado sobre os impactos da quebra com o ciclo capitalista do consumo. Essa quebra consiste em uma proposta de redução nos impactos ambientais e excessos de produção, uma espécie de retrocesso do mercado econômico. Analisando essa possibilidade, posso afirmar que em partes esses aspectos foram os efeitos colaterais do surto da COVID-19, especialmente nos primeiros meses onde a meteorologia detectou mudanças no clima atmosférico, resultante na queda da poluição e a circulação produtiva que passou a trabalhar em um setor principal, o da tecnologia. Acredito que essa também foi a brecha que o homem precisou enfrentar para repensar as consequências de sua interferência no meio natural do planeta, ao mesmo tempo que diz respeito há uma época difícil cheia de dúvidas e poucas certezas é também o momento que proporcionou um novo desafio

ao homem de reinventar aspectos morais na sua rotina conturbada, que a princípio se resumia a substituição das relações sociais pela futilidade consumista. Outro detalhe importante é a questão do reforço na segurança financeira das instituições bancárias, devido a necessidade do pagamento de auxílios a trabalhadores carentes, tudo controlado por um aplicativo da categoria internet banking regularizado pelo Governo Federal. No Brasil como esperado diante da calamidade emergencial, não demorou para haver congestionamentos nos sistemas, o que atrasou e desmotivou as tentativas de inúmeras pessoas.

Apesar de todo o contexto citado anteriormente não foi possível conter o capital econômico, mesmo com a crise da pandemia direcionando tudo ao meio digital, na verdade só reforçou tendências novas de trabalho informal domiciliar, fortes alternativas de investimento, oferta e procura. O homem moderno já nasce acomodado a esses padrões, o que não significa que em algum momento futuro não ocorram mudanças. O documentário em toda sua obra mostra de forma objetiva toda a evolução da economia, especialmente os preceitos teóricos concebidos em cada década até chegar aos dias de hoje. O conhecimento que temos expandiu os nossos horizontes, ou melhor, o status prolongado da existência. Uma sociedade não consumista é uma sociedade decadente na economia moderna. Existe uma forte relação de dependência humana, afinal é com a indústria que o estilo de vida social se configura. A meta de todo empreendedor é estabelecer um vínculo sustentável entre a estadia pessoal e a remuneração de seu negócio, foi com a obsolescência programada que o homem definiu a vida útil da mercadoria, agora é a vez da sociedade de consumo saber medir aquilo que no fim de sua duração vale apenas reaproveitar.